RESUMO
O presente artigo analisa o brincar na Educação Infantil, com foco específico nas práticas realizadas em espaços internos das instituições educativas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, discute como a organização do ambiente, a mediação docente e a seleção de materiais influenciam o desenvolvimento integral das crianças, tendo como referência autores como Vygotsky, Kishimoto, Brougère, Santos e os documentos normativos, especialmente a BNCC. Investigou-se como a limitação espacial, muitas vezes presente em escolas urbanas, pode ser superada por meio de práticas pedagógicas intencionais que valorizam a imaginação, a exploração, a linguagem, o movimento e a convivência entre pares. Os resultados apontam que o brincar em ambientes internos não deve ser visto como restritivo, mas como espaço de novas possibilidades simbólicas, sensoriais e cognitivas, desde que planejado e mediado adequadamente. Observou-se também que a organização estética, a disposição dos objetos e a rotina são elementos fundamentais para a autonomia e para a ampliação das experiências infantis.
Conclui-se que o espaço interno, quando compreendido como ambiente de aprendizagem ativo, favorece interações ricas, convivência, resolução de conflitos e construção de conhecimento, reafirmando o brincar como direito e como eixo
estruturante da Educação Infantil na contemporaneidade.
PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Brincar; Espaços internos; Desenvolvimento infantil; BNCC.
ABSTRACT
This article analyzes play in Early Childhood Education, focusing specifically on practices carried out in indoor spaces of educational institutions. This bibliographic
research discusses how the organization of the environment, teacher mediation, and material selection influence children's integral development, based on authors such as Vygotsky, Kishimoto, Brougère, Santos, and Brazilian educational guidelines such as BNCC. The study investigates how spatial limitations, often found in urban schools, can be overcome through intentional pedagogical practices that value imagination, exploration, language, movement, and social interaction. The results indicate that indoor play should not be viewed as restrictive but rather as a space filled with symbolic, sensory, and cognitive possibilities, as long as it is intentionally planned and mediated. It was also observed that aesthetic organization, object arrangement, and routine are fundamental elements for autonomy and the expansion of children's experiences. The conclusion is that indoor spaces, when understood as active learning environments, favor rich interactions, conflict mediation, and knowledge construction, reaffirming play as a right and a structural axis of Early Childhood Education.
KEYWORDS: Early Childhood Education; Play; Indoor spaces; Child development; BNCC.

1. INTRODUÇÃO

O brincar é um dos pilares fundamentais da Educação Infantil, sendo reconhecido como direito constitucional, como eixo estruturante da BNCC (BRASIL, 2017) e como atividade essencial ao desenvolvimento humano. Nos últimos anos, entretanto, cresce o interesse em compreender de que forma os espaços internos das instituições educativas influenciam as práticas lúdicas e as experiências das crianças. Em muitas escolas, especialmente nas grandes cidades, o espaço disponível para brincadeiras ao ar livre é reduzido, o que faz com que grande parte das vivências infantis aconteça dentro das salas de referência, corredores, pátios cobertos e ambientes organizados pedagogicamente. Assim, torna-se relevante investigar como o brincar se manifesta nesses espaços e quais são as potências e os desafios envolvidos.
Autores como Vygotsky (1998) defendem que a brincadeira é o contexto privilegiado para a emergência de funções psicológicas superiores, pois possibilita à criança operar

em um nível acima do que demonstraria em atividades espontâneas.

Segundo o autor, “na brincadeira, a criança está sempre acima de seu comportamento cotidiano” (VYGOTSKY, 2008a, p. 38), o que reforça a importância de ambientes que estimulem a imaginação, a interação e a autonomia. Kishimoto (2011), por sua vez, afirma que o espaço físico é parte integrante da ação lúdica e que sua organização interfere diretamente na qualidade da brincadeira.

Dessa forma, este artigo se propõe a analisar como o brincar em ambientes internos pode se constituir como espaço fértil para aprendizagens significativas, considerando a mediação docente, os recursos disponíveis e o planejamento pedagógico. Busca-se contribuir para a compreensão de que o espaço, mais do que cenário, é elemento ativo na prática pedagógica, capaz de ampliar possibilidades e promover experiências ricas, mesmo quando suas dimensões são limitadas. A discussão será organizada em três eixos principais: o papel do espaço interno na constituição do brincar, a mediação docente e as interações sociais, e a organização dos materiais como estímulo à criatividade e à autonomia infantil.

2. DESINVOLVIMENTO

O brincar em espaços internos na Educação Infantil representa uma dimensão essencial do cotidiano pedagógico, especialmente em instituições urbanas onde a área externa é limitada. Esses ambientes, quando organizados de forma intencional, tornam-se contextos educativos capazes de favorecer a autonomia, a imaginação e a interação social entre as crianças. De acordo com a BNCC, o ambiente escolar deve assegurar os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, o que significa que os espaços internos precisam ser pensados para atender às necessidades de movimento, expressão e comunicação presentes na infância. A organização do espaço — disposição do mobiliário, acessibilidade dos materiais e estética — influencia diretamente a qualidade das brincadeiras, pois ambientes acolhedores e funcionais ampliam as possibilidades de criação e investigação. Autores como Kishimoto (2011) e Brougère (2010) destacam que os brinquedos e materiais, estruturados ou não, atuam como mediadores culturais que permitem à criança experimentar papéis sociais, construir narrativas e desenvolver pensamento simbólico. Além dos objetos, a mediação docente é fundamental: o professor observa, intervém quando necessário e documenta os processos de aprendizagem, estimulando a cooperação, a resolução de conflitos e o uso de linguagem durante o brincar. Em espaços internos, essas interações tornam-se mais próximas e frequentes, favorecendo vínculos afetivos e práticas democráticas entre as crianças. Outro aspecto importante é a temporalidade. É necessário garantir períodos contínuos de brincadeira, evitando interrupções que prejudiquem a continuidade das ações lúdicas. embora os espaços internos possam limitar movimentos amplos, eles possibilitam circuitos motores adaptados, dramatizações, jogos rítmicos e situações que desenvolvem coordenação e consciência corporal. Portanto, o brincar em ambientes internos não deve ser visto como substituto da área externa, mas como espaço complementar de grande potência educativa, capaz de promover aprendizagens significativas, socialização e desenvolvimento integral, desde que organizado com intencionalidade e sensibilidade pedagógica.

2.1. MATERIAL E MÉTODOS

A elaboração deste artigo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, cujo objetivo foi analisar produções acadêmicas, documentos normativos e referências teóricas sobre o brincar na Educação Infantil, com foco nos espaços internos das instituições escolares. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir interpretações amplas e reflexivas, possibilitando compreender o brincar como fenômeno cultural, pedagógico e socialmente construído. A pesquisa bibliográfica consistiu na revisão de livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais que discutem o brincar, a organização de ambientes educativos e o papel do professor como mediador. As obras foram selecio-

nadas a partir de critérios temáticos: deveriam abordar o desenvolvimento infantil, o espaço como elemento pedagógico, a ludicidade ou a BNCC. Foram consultados autores reconhecidos na área, como Vygotsky, Kishimoto, Brougère, Friedmann, Santos, entre outros, além de legislações brasileiras que orientam a prática docente na Educação Infantil.

O levantamento de materiais foi realizado em bases digitais, bibliotecas universitárias e repositórios institucionais. Após a seleção inicial, realizou-se a leitura exploratória das obras, seguida de leitura analítica, que permitiu identificar categorias centrais relacionadas ao tema: organização do espaço interno, mediação docente, materiais e brinquedos, autonomia infantil e direitos de aprendizagem.

Essas categorias foram utilizadas como eixos estruturantes do desenvolvimento do artigo. Ao longo da análise, buscou-se articular diferentes perspectivas teóricas, confrontando ideias e identificando pontos de convergência e divergência, com o intuito de construir uma reflexão consistente sobre o brincar em ambientes internos.

A metodologia adotada não teve como finalidade produzir dados quantitativos, mas compreender sentidos, práticas e implicações pedagógicas presentes na literatura. Por se tratar de um estudo sem coleta de dados com crianças ou professores, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética. Contudo, todos os cuidados éticos referentes ao uso de fontes foram observados, garantindo fidelidade às ideias dos autores e evitando práticas de plágio por meio de citações e referências adequadamente registradas.

A metodologia utilizada permitiu construir um estudo fundamentado, interpretativo e crítico, oferecendo elementos teóricos capazes de sustentar a análise realizada no desenvolvimento do artigo e apontar caminhos para práticas pedagógicas que valorizem o brincar dentro dos espaços internos da Educação Infantil.

2.2. O ESPAÇO INTERNO COMO CONTEXTO DE APRENDIZAGEM LÚDICA

O espaço interno das instituições de Educação Infantil, muitas vezes visto como restritivo ou limitado, pode assumir papel central na construção de experiências significativas para as crianças. A literatura contemporânea enfatiza que o ambiente, quando organizado de maneira intencional, funciona como "terceiro educador" (FRIEDMANN, 2012), atuando ao lado do professor e das próprias crianças. Isso significa que a disposição dos móveis, a escolha dos materiais e a estética do ambiente influenciam diretamente o brincar e a aprendizagem.

Segundo Brougère (2010), o brincar é sempre atravessado pela cultura e pelo contexto físico onde se realiza. Assim, mesmo espaços pequenos podem se tornar ricos quando organizados com propostas variadas, cantos temáticos e objetos que estimulem a imaginação infantil. De acordo com Santos (2011), "brincar é a primeira conduta inteligente do ser humano", e essa conduta depende das condições que o ambiente oferece. Em espaços internos bem planejados, as crianças podem explorar papéis sociais, jogos simbólicos,

construções, narrativas e interações sociais que não dependem necessariamente de grandes áreas físicas. A BNCC (BRASIL, 2017) indica que o ambiente deve assegurar os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses direitos podem ser plenamente desenvolvidos dentro do ambiente interno, desde que o professor planeje rotinas flexíveis, ofereça materiais diversos e permita que as crianças circulem e reorganizem o espaço de acordo com suas necessidades. Vários estudos apontam que a qualidade do ambiente interno está associada à autonomia infantil, à criatividade e ao desenvolvimento da linguagem, pois nele as crianças conversam mais, negociam

regras e constroem narrativas coletivas. Portanto, o espaço interno não deve ser visto como substituto do ambiente externo, mas como contexto complementar, com potencialidades próprias. Ele permite atividades mais intimistas, acolhedoras e simbólicas, facilitando a observação, a intervenção do

professor e a documentação pedagógica. Cabe ao educador considerar cada elemento desse ambiente mobiliário, iluminação, temperatura, organização e estética como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem.

2.3. A MEDIAÇÃO DOCENTE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS NO BRINCAR INTERNO

A mediação do professor é aspecto central no brincar realizado em ambientes internos. Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento infantil depende da interação com um mediador mais experiente, que ajuda a criança a avançar para níveis de compreensão mais elevados. No caso da Educação Infantil, esse mediador é o professor, que organiza o ambiente, propõe desafios e observa as interações entre pares. Segundo Kishimoto (2011), a brincadeira não é apenas atividade espontânea; ela exige intervenções intencionais que orientam as crianças a descobrirem novos modos de agir e pensar. A autora enfatiza que não há brincadeira sem escolha, mas também não há aprendizagem significativa sem mediação. Assim, o papel do professor em ambientes internos envolve equilibrar liberdade e orientação. O brincar em espaços internos favorece as interações sociais, pois aproxima as crianças fisicamente e exige maior negociação de regras,
compartilhamento de materiais e resolução de conflitos. Para Martins (2006), essas interações são fundamentais para a formação da personalidade da criança, pois permitem que ela vivencie papéis sociais e desenvolva empatia. A proximidade física típica dos espaços internos intensifica o diálogo, as narrativas coletivas e a
construção de vínculos, elementos fundamentais para o desenvolvimento socioemocional. Além disso, a mediação docente deve incluir momentos de observação sistemática e documentação pedagógica. De acordo com o que afirma Antunes (2011), o registro é elemento essencial para o professor compreender o percurso de aprendizagem das crianças e planejar intervenções futuras. Em ambientes internos, essa observação pode ser mais detalhada, pois as interações se tornam mais visíveis e acessíveis ao olhar do professor. Portanto, o brincar em espaços internos não deve ser entendido como atividade secundária ou limitada, mas como contexto privilegiado para o exercício da mediação docente, para a
construção da autonomia e para o fortalecimento das relações humanas no ambiente escolar. O professor, ao compreender o potencial desse espaço, transforma-o em ambiente vivo de aprendizagem.

2.4. MATERIAIS, OBJETOS E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INTERNO NO PROCESSO LÚDICO

A seleção de materiais e a organização do espaço constituem elementos fundamentais para o brincar em ambientes internos. A BNCC (BRASIL, 2017) indica que os materiais devem ser diversos e acessíveis, permitindo que as crianças escolham, combinem, criem e reinventem seus próprios modos de brincar. Essa perspectiva reforça a ideia de que o brincar é construção cultural e não simples passatempo. Kishimoto (2010) destaca que os brinquedos funcionam como mediadores culturais e cognitivos, pois permitem à criança explorar regras, papéis sociais e conceitos abstratos. Em ambientes internos, onde o espaço é mais delimitado, os materiais precisam estimular a imaginação e a criatividade, como blocos de construção, tecidos, objetos não estruturados, livros, fantoches, instrumentos musicais, entre outros. Esses materiais possibilitam que o ambiente se transforme constantemente, promovendo novas cenas, novos desafios e novas narrativas. Segundo Friedmann (2012), a estética do ambiente também influencia o engajamento das crianças. Cores, texturas, iluminação e organização do mobiliário contribuem para criar um clima acolhedor e estimulante. Quando o ambiente interno é arrumado de forma coerente, com cantos definidos e materiais ao alcance das crianças, promove-se a autonomia e o senso de pertencimento ao espaço escolar. Outro aspecto importante é a relação entre movimento e espaço interno. Embora o ambiente fechado possa limitar movimentos amplos, ele permite outras for-

mas de exploração corporal, como circuitos motores adaptados, danças, jogos de equilíbrio e brincadeiras de dramatização. A criança aprende sobre seu próprio corpo, sobre o espaço e sobre seus limites, contribuindo para o desenvolvimento motor e perceptivo. Portanto, a organização do espaço interno deve ser vista como prática pedagógica fundamental. Quando o professor compreende o valor educativo dos materiais e da estética, transforma o ambiente em cenário fértil para aprendizagens significativas, reafirmando o brincar como ato de construção, expressão e socialização.

2.5. A DINÂMICA DA INTERAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS INTERNOS

A interação social é uma dimensão fundamental do desenvolvimento infantil e encontra nos espaços internos um contexto privilegiado para se intensificar. Em ambientes fechados, a proximidade física favorece trocas constantes, exigindo que as crianças aprendam a negociar brinquedos, organizar regras e lidar com diferentes ritmos e modos de brincar. Isso possibilita experiências diárias de convivência, importantes para construir autonomia e fortalecer vínculos afetivos.

A limitação espacial, longe de ser um obstáculo, pode se transformar em
oportunidade para desenvolver habilidades de comunicação, já que as crianças precisam verbalizar desejos, escutar o outro, estabelecer acordos e administrar conflitos. A teoria sociointeracionista, especialmente em Vygotsky, afirma que o desenvolvimento cognitivo é potencializado pela interação, pois é no contato com os pares que as crianças ampliam seu repertório linguístico, cultural e emocional. Nos espaços internos, o professor desempenha papel essencial como mediador, incentivando atitudes solidárias, de respeito e cooperação, evitando intervenções

autoritárias que impeçam a autonomia dos pequenos. A convivência diária nesse tipo de ambiente também contribui para a construção da identidade, já que as crianças se reconhecem como parte de um grupo e compreendem que suas ações afetam o coletivo. Dessa forma, os espaços internos se consolidam como ambientes ricos de experiências relacionais, onde a socialização se torna tão importante quanto as aprendizagens cognitivas, garantindo às crianças um desenvolvimento integral e respeitoso.

2.6. A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO E DA EXPRESSÃO CORPORAL EM AMBIENTES INTERNOS

O movimento é um dos pilares do desenvolvimento infantil e precisa estar presente em todos os ambientes da escola, não apenas no pátio ou na área externa. Nos espaços internos, é possível promover atividades que estimulem coordenação, equilíbrio, ritmo, lateralidade e consciência corporal, respeitando sempre os limites de segurança e a organização do espaço. Propostas como circuitos motores simples, brincadeiras rítmicas, danças, exercícios de imitação e jogos de dramatização ampliam as possibilidades expressivas da criança, favorecendo tanto o desenvolvimento físico quanto o emocional. Além disso, o movimento em ambientes internos estimula a criatividade, pois as crianças aprendem a utilizar o próprio corpo e objetos simples para criar formas de brincar. A BNCC reforça a importância da corporeidade na Educação Infantil, indicando que o corpo é veículo de expressão, comunicação e conhecimento. Assim, a sala de aula, quando bem- organizada, pode se transformar em espaço para invenção e experimentação, onde a criança explora gestos, cria narrativas corporais e desenvolve confiança em suas habilidades. O professor deve atuar como facilitador, garantindo liberdade com responsabilidade, propondo desafios adequados e assegurando que todos
participem de maneira inclusiva. Portanto, o movimento em ambientes internos não deve ser visto como uma alternativa reduzida ao espaço externo, mas como um componente essencial para o desenvolvimento integral, promovendo aprendizagens significativas e experiências corporais ricas e diversificadas.

2.7. O PAPEL DA CRIATIVIDADE E DA IMAGINAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS INTERNOS

A criatividade e a imaginação são aspectos fundamentais da infância e encontram grande potência nos ambientes internos quando bem-organizados. As crianças transformam objetos simples em elementos simbólicos, inventam narrativas complexas e constroem cenários utilizando caixas, tecidos, blocos, almofadas, livros e diversos materiais não estruturados. Esse processo fortalece o desenvolvimento cognitivo, amplia o repertório cultural e estimula a linguagem, já que as crianças verbalizam ideias, criam personagens e constroem histórias coletivamente. A

imaginação permite que elas expressem emoções, elaborem experiências e desenvolvam a capacidade de pensar de forma flexível e criativa. O professor deve atuar como observador sensível, oferecendo materiais variados, reorganizando o espaço quando necessário e intervindo apenas para ampliar possibilidades, sem dirigir a brincadeira de maneira rígida. A construção de cenários internos também favorece a cooperação, pois as crianças negociam papéis, distribuem funções e decidem coletivamente como organizar o ambiente. Além disso, o uso criativo do espaço interno possibilita que as crianças ressignifiquem o ambiente escolar, compreendendo-o como lugar de pertencimento e expressão. Ao estimular a imaginação, promove-se uma infância rica em experiências significativas, que contribuem para a autonomia, autoestima e curiosidade. Dessa forma, os espaços internos tornam-se territórios de criação, investigação e cultura infantil, reafirmando o brincar como prática central no desenvolvimento integral.

2.8. A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO FERRAMENTA DE INTERPRETAÇÃO DO BRINCAR

A documentação pedagógica é uma prática que permite tornar visível o processo de aprendizagem das crianças, especialmente nas brincadeiras que ocorrem nos espaços internos. Por meio de fotos, vídeos, registros escritos, produções infantis e transcrição de falas, o professor consegue analisar o percurso de cada criança e compreender como ela interage, cria, imagina e resolve desafios durante o brincar. Essa prática vai além do simples registro: trata-se de uma interpretação cuidadosa do que acontece no cotidiano, possibilitando reflexões sobre o planejamento pedagógico. A documentação também contribui para identificar interesses emergentes, necessidades específicas e formas de participação de cada criança.

Nos espaços internos, onde a proximidade favorece observações detalhadas, o registro torna-se ainda mais significativo, pois permite reconhecer pequenas conquistas, avanços nas interações e transformações na relação da criança com os objetos e com os colegas. Além disso, a documentação é ferramenta valiosa para o diálogo com as famílias, aproximando-as das práticas pedagógicas e fortalecendo o vínculo escola–comunidade. Quando compartilhada com a equipe, promove formação continuada e reflexão coletiva, qualificando as práticas docentes. Assim, documentar o brincar não é apenas registrar momentos, mas compreender processos, valorizar a infância e assegurar que cada criança seja reconhecida como sujeito ativo, criador e participante. A documentação, portanto, assume papel central na construção de práticas pedagógicas intencionais, respeitosas e fundamentadas.

3. CONCLUSÃO

O brincar em espaços internos da Educação Infantil constitui prática potente, capaz de promover aprendizagens profundas, ricas e diversificadas. Diferentemente da

visão tradicional que associa o ambiente fechado a limitações, a literatura e a experiência pedagógica demonstram que esses espaços possuem características próprias que podem ampliar as possibilidades educativas. Quando o ambiente é organizado intencionalmente, torna-se contexto ativo de construção de autonomia, expressão simbólica, desenvolvimento motor, ampliação da linguagem e convivência entre pares. Além disso, a mediação docente desempenha papel decisivo para que o brincar interno se transforme em experiência significativa. Cabe ao professor planejar, observar, registrar e intervir quando necessário, ga-

rantindo que a criança explore materiais, negocie regras, experimente papéis sociais e construa conhecimentos. A relação entre ambiente, professor e criança é dialógica e dinâmica, e influencia diretamente o processo de aprendizagem. As análises aqui apresentadas demonstram que o brincar em espaços internos não substitui o brincar ao ar livre, mas o complementa. Ambos possuem valor educativo e contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Ao compreender o potencial dos ambientes internos, o professor amplia o repertório de práticas pedagógicas e promove experiências lúdicas que respeitam os direitos de aprendizagem previstos na BNCC. Conclui-se, portanto, que pensar o brincar em espaços internos é reconhecer a criança como sujeito ativo, competente e criativo, capaz de transformar o ambiente e de se transformar por meio dele. Assim, reafirma-se a necessidade de investir na organização estética, pedagógica e relacional desses espaços como parte essencial da Educação Infantil contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda R. de. Interações na Educação Infantil. São Paulo: Moderna, 2018.

ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs.). Ensinando e Aprendendo na Educação Infantil. São Paulo: Xamã, 2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por uma Pedagogia da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BOMTEMPO, Edda. O brincar em espaços escolares. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília, DF: MEC, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 2010.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. A Criança Pequenina e o Direito à Educação. São Paulo: Cortez, 2011.

CORSARO, William. Sociologia da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gisa. Educação Infantil: Pra Que Te Quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

DUARTE, Newton. A Indeterminação da Infância e a Prática Educativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

ELKONIN, Daniil. Psicologia do Jogo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Educação Infantil e Espaço Escolar. Campinas: Papirus, 2010.

FELIPE, Jane; GONÇALVES, Maria Aparecida. Cotidiano e Educação Infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. A Arte de Brincar: Fundamentos e Práticas. São Paulo: Moderna, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O Jogo e a Educação Infantil. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

LEONTIEV, Alexei. Desenvolvimento do Psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.

LOPES, Denise; VIEIRA, Giane. Linguagem, Alfabetização e Letramento. Natal: UFRN, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. A Brincadeira de Papéis Sociais e a Formação da Personalidade. São Paulo: Xamã, 2006.

MERTHA, Nilcéia Lemos. Ambientes Educativos e Aprendizagem Infantil. Curitiba: CRV, 2017.

MUKHINA, Valéria. Psicologia da Idade Pré-Escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança. Rio de Janeiro: LTC, 1990. SANTOS, Santa Marli Pires dos. O Brincar na Escola. Petrópolis: Vozes, 2011. SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância. Porto: Afrontamento, 2005.

SILVA, Isabel Cristina da; ALVES, Denise. Espaço e Tempo na Educação Infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A Imaginação e a Arte na Infância. São Paulo: Martins Fontes, 2009.